

CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Lilians Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade [recurso eletrônico] / Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-01-0
 DOI 10.22533/at.ed.010201402

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Castilho, Danila Barbosa de.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As manifestações culturais são uma das muitas características dos diversos grupos sociais. Assim, as produções cinematográficas, festejos, linguagens e religiosidades constituem-se de suma importância na elaboração de pensamentos críticos, identificações e difusão dos conhecimentos de um grupo.

Tais manifestações são permeadas por conflitos, disputas, percepções e experiências vividas, as quais precisam ser valorizadas em detrimento a imposição de uma cultura global, hegemônica e eurocêntrica. Pois em diversos momentos históricos as manifestações culturais populares foram, e ainda são, muitas vezes silenciadas e por vezes se refletem nos processos educacionais.

Os textos aqui apresentados nos proporcionam reflexões acerca das trajetórias de diferentes sujeitos, e nos motivam a descolonizar a cultura, o imaginário e as identidades.

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“PROJETO BORA?”: UM INTENTO DE INSERÇÃO DA CIDADE DE TUCANO-BA NO TEXTO DO REGIONALISMO NORDESTINO	
Marcelo Cerqueira Cesar Filho	
DOI 10.22533/at.ed.0102014021	
CAPÍTULO 2	12
A ICONOGRAFIA NA PINTURA DE ALBERTO VALENÇA (1890-1983)	
Vera Spínola	
DOI 10.22533/at.ed.0102014022	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE SENTIDOS SOBRE O DOCUMENTÁRIO FEVEREIROS	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.0102014023	
CAPÍTULO 4	37
FERNANDO PESSOA ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
Rafaela Favarin Somera	
DOI 10.22533/at.ed.0102014024	
CAPÍTULO 5	51
TEMPORALIDADE: IMAGEM E PODER NA <i>PROPAGANDA FIDE</i> INQUISITORIAL	
Geraldo Pieroni	
DOI 10.22533/at.ed.0102014025	
CAPÍTULO 6	65
TIRANDO O BLOCO DA AVENIDA: A CRISE NOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E EM SALVADOR	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0102014026	
CAPÍTULO 7	85
O <i>PRESIDENTE NEGRO</i> : EUGENIA EM MONTEIRO LOBATO?	
Erick Vinicius Mathias Leite	
Sônia Filiú Albuquerque Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0102014027	
CAPÍTULO 8	95
CABILA E IJEXÁ: INTERCONEXÕES ENTRE RITMOS DE DUAS CULTURAS	
Adrian Estrela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014028	

CAPÍTULO 9	105
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS	
Christianne Rose de Sousa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014029	
CAPÍTULO 10	108
REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO NA ETNOGRAFIA DOMÉSTICA DE KARIM AÏNOUZ: O “PATRIARCADO SEM HOMENS” EM SEAMS	
Everaldo Asevedo Mattos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140210	
CAPÍTULO 11	121
A PRESENÇA DO RACISMO NA TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA	
Taíse Dos Anjos Santos Taynan Alves Filgueiras	
DOI 10.22533/at.ed.01020140211	
CAPÍTULO 12	142
JOVENS NEGROS NA ESCOLA, DA EXISTÊNCIA AS REEXISTÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICAS	
Maria Valdete Vitoria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140212	
CAPÍTULO 13	152
INFÂNCIA E TECNOLOGIA: PRÁTICAS DE UMA CULTURA DIGITAL	
Pedro Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140213	
CAPÍTULO 14	162
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO	
Bianca de Paula Santos Carmen Lúcia da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140214	
CAPÍTULO 15	174
AQUARIUS: EDIFICANDO O DESCOLONIAL	
Jacqueline Gama de Jesus Ana Lúcia Leite e Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.01020140215	
CAPÍTULO 16	188
LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS	
Romilton Batista de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01020140216	

CAPÍTULO 17	197
'PORTUGALIDADE' NA(S) LUSOFONIA(S): UM CONTRASSENDO	
Vitor de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140217	
CAPÍTULO 18	219
DA AUSÊNCIA À PRESENÇA: O EXEMPLO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS - RS	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Siefert Brahm	
Diego Lemos Ribeiro	
Juliane Conceição Primon Serres	
DOI 10.22533/at.ed.01020140218	
CAPÍTULO 19	234
DESCOBRINDO USPANU	
Surama Sulamita Rodrigues de Lemos	
Thiago Augusto Oliveira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01020140219	
CAPÍTULO 20	239
PERVERSÃO: CONCEITO E CONCEPÇÕES SOBRE A PEDOFILIA	
Ivana Suely Bezerra Paiva Mello	
Ana Kalline Soares Castor	
Leda Maria Maia Rodrigues Carvalho	
Mylena Menezes de França	
Silvana Barbosa Mendes Lacerda	
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140220	
CAPÍTULO 21	253
SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA MENSURAÇÃO DA SEXUALIDADE EM PESQUISAS PSICOMÉTRICAS	
Alexandre de Oliveira Marques	
José Augusto Evangelho Hernandez	
DOI 10.22533/at.ed.01020140221	
CAPÍTULO 22	265
A DIVERSIDADE CULTURAL PELO OLHAR KAINGANG	
Claudio Luiz Orço	
Elizandra Iop	
DOI 10.22533/at.ed.01020140222	
SOBRE A ORGANIZADORA	280
ÍNDICE REMISSIVO	281

O PRESIDENTE NEGRO: EUGENIA EM MONTEIRO LOBATO?

Data de aceite: 31/01/2020

Erick Vinicius Mathias Leite

UEMS – Unidade Universitária de Campo Grande
<http://lattes.cnpq.br/2604000540999226>

Sônia Filiú Albuquerque Lima

UEMS – Unidade Universitária de Campo Grande
<http://lattes.cnpq.br/1811248344820440>

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar as representações das relações étnico-raciais na Literatura tendo como corpus o romance *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato. A análise busca identificar indícios de construções teóricas sobre raça que permeavam o chamado racismo científico da época tendo a eugenia como um de seus desdobramentos. Na análise da obra é possível observar, de forma explícita e às vezes tácita, uma visão racista e etnocêntrica, camuflada em tendências que visam enaltecer ideais eugênicos.

PALAVRAS-CHAVE: Relações étnico-raciais; Literatura Brasileira; Racismo. Eugenia.

AMERICA'S BLACK PRESIDENT: EUGENICS IN MONTEIRO LOBATO?

ABSTRACT: The present article aims to analyze

the representations of the ethno-racial relations in Literature having as corpus the novel *The Black President* by Monteiro Lobato. The analysis seeks to identify evidence of theoretical constructions on race and eugenics that permeated the so-called scientific racism of the time, with eugenics as one of its ramifications. In the analysis of the work it is possible to observe in a tacit manner, a racist and ethnocentric vision, camouflaged in tendencies that aim to enhance eugenic ideals.

KEYWORDS: Ethnic-racial relations. Brazilian literature. Racism. Eugenics.

INTRODUÇÃO

Em 1926, o único romance de Monteiro Lobato foi publicado em panfleto, intitulado *O Choque das Raças*, no jornal “A Manhã”. Posteriormente, foi distribuído, em inglês, nos Estados Unidos, objetivando alcançar o público norte-americano, porém, fracassando nas vendas. A primeira edição do livro possuía um segundo título, denominado *O Presidente Negro*, este, que será usado para se tratar do nosso corpus neste artigo.

De forma sucinta, o enredo gira em torno de Ayrton, senhor de meia idade, que após sofrer um acidente de carro é salvo e cuidado pelo Dr. Benson em sua mansão afastada do

centro, em uma área de restrito acesso do Rio de Janeiro. Lá o protagonista conhece Miss Jane, filha de seu anfitrião, por quem se apaixona e vem a conhecer nuances de um futuro distante, reveladas através de uma máquina chamada “Porviroscópio”. Nesta póstera realidade, ano de 2228, o primeiro presidente negro dos Estados Unidos seria eleito, causando uma revolta na elite branca, a qual viria a executar um plano nefasto para extinguir a raça negra naquele país.

O Presidente Negro é uma produção ímpar dentre todas de Lobato, na qual descreve cada detalhe de uma paixão que nem todo o abismo social e intelectual entre personagens é capaz de impedir. Com eloquência convence o leitor de sua proposta científica e vislumbra avanços tecnológicos futurísticos como, por exemplo, a realidade virtual e o voto eletrônico. Tais adiantamentos dão sentido à nota dos editores da décima terceira edição do livro que diz: “[...] Monteiro Lobato talvez não tenha imaginado coisas, e sim apenas antecipando coisas” (LOBATO, 1979, p. 5). O próprio autor se autorreferencia na obra, apresentando-se como alguém com ideias à frente de seu tempo, como se constata na citação a seguir:

Ninguém lhe dará nenhuma importância no momento, julgando-a pura obra da imaginação fantasista. Mas um dia a humanidade se assanhará diante das previsões do escritor, e os cientistas quebrarão a cabeça no estudo de um caso, único no mundo, de profecia integral e rigorosa até nos mínimos detalhes (LOBATO, 1979, p. 53).

Percebe-se nas palavras do autor como ele acredita que o caráter ficcional de sua obra apresentava esse teor preditivo, não só sobre o desenvolvimento tecnológico, como a informatização do voto, por exemplo, mas também sobre o futuro das relações inter-raciais. E é justamente a análise da representação das relações étnico-raciais, na referida obra, o objetivo deste texto, buscando identificar indícios de construções teóricas sobre a raça e eugenia que permeavam o chamado racismo científico da época e o darwinismo social, tendo a eugenia como um de seus desdobramentos.

A questão que se coloca é até que ponto as ideias presentes na obra estão intimamente ligadas ao movimento eugênico que se expandiu internacionalmente no início do século XX?

Nesse sentido, as teorias científicas sobre a classificação das raças e as ideias sobre eugenia vigentes por ocasião da produção do livro serão apresentadas com o intuito de analisar o raciocínio de Monteiro Lobato, produzido dentro de seu tempo. Posteriormente, passaremos à análise da obra, tendo o pensamento racista e eugênico apresentado como fio condutor da análise.

1 | EUGENIA: CONCEITOS NA HISTÓRIA

A eugenia, de acordo com Diwan (2007, p. 10) “[...] com status de disciplina científica, objetivou implantar um método de seleção humana baseada em premissas biológicas”. Tal ato, de segregação, supostamente aprimoraria as gerações seguintes, acarretando um progresso social. O termo era utilizado para se referir somente às

plantas, mas em 1883 Francis Galton utilizou-o para tratar do ser humano. “[...] em grego ‘eugenes’, quer dizer, de boa linhagem, dotado hereditariamente com nobres qualidades [...] são igualmente aplicáveis aos homens, aos brutos e às plantas” (GALTON apud DIWAN, 2007, p. 41). Desde então, a palavra eugenia foi utilizada para nomear um movimento, sobre o qual nos dedicaremos a desvelar nesta parte do artigo.

A eugenia se originou com os avanços do conhecimento biológico e a consolidação da sociedade burguesa no século XIX. As contribuições científicas de Louis Pasteur e Gregor Mendel cooperaram para o surgimento do pensamento eugênico, porém, este teve como sua principal base a “Teoria Evolucionista” de Charles Darwin, afirmando que a seleção natural é responsável por suprimir os aspectos defeituosos e ordinários das espécies no decorrer das gerações seguintes. O progresso da ciência fortificou o status da camada burguesa, que então se autodeclarava superior hereditariamente. Sendo assim, afirma Diwan (2007, p. 33) “Além da raça, etnia e cultura se tornaram sinais da natureza que poderiam ou não indicar superioridade, e tais sinais serviriam para justificar a dominação de um grupo sobre outro” (DIWAN, 2007).

Francis Galton, primo de Charles Darwin, publicou em 1873 o livro *Hereditary Talent and Character (Talento e Caráter Hereditário)*, no qual defende a ideia de que o talento e o caráter são hereditários e não consequências de suas vivências no meio social. Em seu outro estudo publicado no mesmo ano, *Theory of Hereditary (Teoria da Hereditariedade)*, afirma que doenças mentais, tendência criminosa também são transmitidos geneticamente. E só dez anos depois no seu livro *Inquiries into Human Faculty and its Development (Inquéritos sobre a Faculdade Humana e seu Desenvolvimento)* o termo eugenia foi utilizado pela primeira vez.

Galton e outros cientistas darwinistas sociais entenderam que os conceitos de raça e classe eram próximos e, ao perceberem que as classes inferiores se reproduziam mais rápido que a classe média, eles se preocuparam, pois isso colocava em cheque a Lei de Darwin, uma vez que os menos aptos estavam subsistindo. Nesse contexto, a Eugenia foi considerada como a solução para aquele opróbrio europeu (OLUSOGA, 2007).

Galton projetou uma nova ciência de procriação humana seletiva, ele sonhou encorajar a classe média a ter mais filhos e inibir a procriação entre as classes inferiores e criminosas. Chamou essa ciência nova de Eugenia. Na última década do século XIX ela foi amplamente respeitada e atraiu uma variedade de adeptos de alto perfil (OLUSOGA, 2007).

Com a repercussão dos estudos de Galton na Inglaterra, seus primeiros seguidores acreditavam que as camadas pobres não passavam de um obstáculo para o progresso, e que eliminá-las não seria mais do que por fim no seu processo de degeneração. A Eugenia se tornou então um mecanismo de controle político e social. Sua propagação alcançou níveis internacionais e legitimava atitudes atroz ao redor do mundo possuindo respaldo jurídico e científico, como a onda de esterilização nos

Estados Unidos e práticas desumanas utilizadas pelos nazistas na Alemanha durante o século XX. Nesta mesma época as ideias eugenistas chegaram ao Brasil.

O principal nome que se destacou entre os eugenistas brasileiros foi o de Renato Khel, médico e diretor da “Comissão Brasileira de Eugenia”, na qual participavam dezenas de intelectuais da época que, além de produzirem conteúdo científico para propagar suas ideias, buscavam apoio público para levar a cabo ações políticas e sociais com intenção de frear a expansão da criminalidade e das doenças, que eram atribuídas à mistura das raças.

Além dessa comissão, outras associações foram criadas com o mesmo ideal, sendo duas delas, a “Liga Brasileira de Higiene Mental” e a “Liga Pró Saneamento do Brasil”. Monteiro Lobato vinculou-se a esta última e divulgava as atividades da Liga na “Revista do Brasil”, manifestando assim seu interesse em higienizar o povo brasileiro (DIWAN, 2007).

Portanto, Lobato dedicou parte de sua vida ao movimento eugenista no Brasil. A partir dos breves conceitos, origem e os desdobramentos da eugenia, passamos a descrever a trajetória do autor na parte seguinte.

2 | MONTEIRO LOBATO: ALGUNS PONTOS DE SUA TRAJETÓRIA

A partir de janeiro de 2019, um ano após completar 70 anos da morte de Monteiro Lobato, que faleceu em 4 de julho de 1948, todas as suas obras estão liberadas em Domínio Público, o que significa que as editoras podem publicar as obras do autor, sem a necessidade de pagamento dos direitos autorais ao herdeiros. Quem entrar nas livrarias, desde então, “vai precisar tomar cuidado pra não ser soterrado por uma avalanche de ‘Emílias, Narizinhos, Donas Bentas e Viscondes’”, comenta Molinero (2019).

Segundo Molinero (2019) estão livres os contos, as cartas, a obra *O presidente Negro*, em questão neste texto, e as produções mais importantes, consideradas como a galinha de ovos de ouro: as obras que giram em torno do “Sítio do Pica Pau Amarelo”.

O escritor e editor Monteiro Lobato (1882-1948) foi um dos pioneiros da literatura infanto-juvenil na América Latina. Fundou a editora Monteiro Lobato e mais tarde a Companhia Editora Nacional. Nascido em Taubaté, São Paulo, desde cedo era influenciado pela família a ler, e apesar de preferir o caminho das artes, foi obrigado pelo avô, visto que já havia perdido os pais, a ingressar no curso de Direito. Formado em 1906, no ano seguinte, é nomeado promotor público em Areias/SP, no mesmo ano casa-se com Maria Pureza, com quem teve quatro filhos.

Simultaneamente ao cargo de promotor escrevia para revistas e jornais, manifestando desde então seu espírito crítico e abrasador, como afirma sua biografia a seguir: “É anticonvencional por excelência, diz sempre o que pensa, agrade ou não. Defende a sua verdade com unhas e dentes, contra tudo e todos, quaisquer que sejam as consequências” (LOBATO, 1979, p. 175). E Ceciliato (2019) comenta que:

Monteiro Lobato foi o primeiro autor a falar com as crianças e não para as crianças. Sua obra oportuniza o processo que chamamos de “leiturização”, pois, permite que ela tenha compreensão do todo ainda que exista esse contraste histórico, visto que foi escrita há quase cem anos (CECILIANO, 2019, apud TRIGUEIRO, 2019, p. 2).

De acordo com Trigueiro (2019), estudiosa de Literatura, Lobato está classificado entre os autores regionalistas do pré-modernismo, destacando-se nos gêneros conto e fábula. O autor descreveu a realidade dos vilarejos, criticando hábitos e o momento político em que vivia o país.

Como ser humano, Lobato tem suas contradições, escreveu tendo como pano de fundo o pensamento e influências de sua época. Tendo isso em conta, não se pode negar a polêmica em torno de seus escritos acusados recentemente de apresentar um viés racista.

Como mencionado anteriormente, não se pode negar a participação de Monteiro Lobato no movimento eugenista. Tendo isso em vista, iniciamos esta sessão levantando um questionamento: seria o criador de Emília, Pedrinho e Narizinho condescendente a ideias de segregação racial? Para discutir esta questão vamos lembrar um pouco da produção deste importante literato brasileiro.

Em um artigo publicado em 1914 no jornal “O Estado de São Paulo”, denominado “Urupês”, Lobato critica a atuação do caboclo na sociedade brasileira, alegando que o atraso de seu país se dava em razão de sua presença. Descreve o sertanejo como alguém inadaptável à civilização (DIWAN, 2007). Uma série de outros artigos de Monteiro é publicada ao longo da década de 1910, patrocinados ou impulsionados por associações eugenistas ou por membros destas.

Lobato além de dedicar o romance *O Presidente Negro*, objeto de análise neste artigo, a Arthur Neiva e a Coelho Neto, dois intelectuais higienistas da época, enfatiza a centralidade de Renato Khel na causa eugenista brasileira em uma carta endereçada ao mesmo, comprovando assim, seu engajamento no movimento. Segue adiante um fragmento da carta:

Renato, Tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti eu devia me dedicar o meu “Choque” [O Presidente Negro], grito de guerra pró-eugenia. [...] Precisamos lançar, vulgarizar estas idéias. A humanidade precisa de uma coisa só: poda. É como a vinha. (LOBATO apud DIWAN, 2007, p. 106).

Claramente, neste trecho de sua carta enviada a Khel, ao pai da eugenia no Brasil, Lobato assume que *O Presidente Negro* trata-se de um “grito de guerra” em favor da causa eugenista. Apesar dessa confissão do próprio autor do livro não deixar dúvidas sobre a mensagem em defesa à eugenia, passaremos à análise do corpus da obra, a fim de demonstrar em que momentos e como se dão as manifestações de ideais eugênicos na obra.

3 | ANÁLISE DA OBRA

Como foi dito anteriormente, o enredo do romance gira em torno de três

personagens: Ayrton, o medíocre funcionário de um escritório; Benson, o sábio que cria o Porviroscópio, uma máquina capaz de mostrar os acontecimentos futuros; e Miss Jane, a bela e inteligente filha de Benson.

Depois de anos trabalhando na firma Sá, Pato & Cia, Ayrton consegue comprar seu primeiro automóvel, um Ford que não dura muito tempo, pois em uma viagem pelo interior da cidade o protagonista sofre um acidente logo no início da história. Para sua sorte é resgatado e cuidado por Dr. Benson, um cientista cheio de mistérios que vivia em uma isolada mansão no Rio de Janeiro. Ayrton oferece seus serviços ao doutor disponibilizando-se ao que quer for necessário pra que pudesse passar mais tempo na intrigante casa e ao lado de Miss Jane, filha de Benson, por quem alimentava uma paixão escondida. Os Anfitriões lhe mostram suas descobertas científicas, em especial uma máquina capaz de transmitir imagens e sons do futuro, chamada “Porviroscópio”.

Dr. Benson já muito velho e debilitado vem a falecer, mas antes encarregou-se de destruir o Porviroscópio e todo registro sobre este. A perda do pai deixou Miss Jane muito abalada, coube a Ayrton lhe oferecer um ombro amigo. O protagonista de volta à cidade visita Miss Jane aos domingos. Sendo esta a única que sabe dos desenlaces futuros, lhe confere a ideia de escrever um romance sobre os relatos que contara do ano de 2228.

Neste ano disputava as eleições estadunidenses três representantes, Kerlog do Partido Masculino e presidente em exercício, Evelyn Astor do Partido Feminino e Jim Roy da Associação Negra. Este último que vem a vencer, pois os votos da população negra se concentraram ao contrário da massa branca. O resultado da disputa presidencial muito incomodou os líderes brancos que viram sua supremacia racial ameaçada. Para tanto, Kerlog ainda presidente financia os experimentos do cientista John Dudley que cria um método de alisamento de cabelo através de raios ômega. Suas filias se estabelecem por cada bairro do país, e por ser extremamente barato levou a totalidade dos negros dos Estados Unidos a se submeterem ao processo.

Kerlog revela mais tarde o caráter duplo dos raios ômega, que não só alisavam o cabelo como esterilizavam o ser. Era o fim da raça negra naquele país, Roy escolheu não alarmar a população e carregou essa informação até a sua morte. Em poucos meses a taxa de natalidade de negros já era quase nula, e com o passar dos anos a figura do afrodescendente desaparecera de vez dos Estados Unidos. Ayrton ficou apavorado com as informações que recebeu, mas nada ocultou em seu livro e escreveu como contara Miss Jane. O livro termina com a consumação do amor dos dois personagens através de um beijo.

O repúdio pela mistura das raças é evidente na obra, na qual o mestiço é tratado de forma depreciativa, como observa-se no seguinte trecho: “A mim chega a me repugnar o aspecto desses negros de pele branquicenta e cabelos carapinha. Dão-me idéia de descascados” (LOBATO, 1979, p. 105). O autor critica a teoria do branqueamento do Brasil difundida por intelectuais da época, entre eles Batista Lacerda que afirma:

A população mista do Brasil deverá ter, dentro de um século, um aspecto bem

diferente do atual. As correntes de imigração europeia que aumenta a cada dia e em maior grau o elemento branco, terminarão ao fim de certo tempo por sufocar os elementos dentre os quais poderiam persistir alguns traços do negro (LACERDA, 2009, p. 7).

Lobato alega em sua obra que a população branca sofreu uma piora de caráter em razão da mistura étnica. A solução proposta pelo autor seria inibir a miscigenação para que os traços particulares de cada uma se mantenham cristalizados. Assim reitera o autor no diálogo abaixo entre Ayrton e Miss Jane:

A nossa solução foi admirável. Dentro de cem ou duzentos anos terá desaparecido por completo o nosso negro em virtude de cruzamentos sucessivos com o branco [...] Não acho, disse ela. A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças díspares (LOBATO, 1979, p. 73).

Em consonância com os estudos de Galton, que afirmavam que o talento, o caráter, doenças e marginalidade são transmitidos geneticamente, Lobato idealiza o “Ministério de Seleção Artificial” e a “Lei Owen”, as quais eram responsáveis por eliminar crianças “malformadas” e esterilizar “tarados” (assim são tratados na obra), o que garantiu números mínimos de malquistos no ano de 2228. Assim, anuncia Lobato:

Ministério da Seleção Artificial [...] deu aquele povo um enorme avanço sobre os demais [...] Essas restrições melhoraram de maneira impressionante a qualidade do homem. O número de mal-formados no físico desceu a proporções mínimas, sobretudo depois do ressurgimento da Lei Espartana (LOBATO, 1979, p. 75).

A Lei Espartana, principalmente sob a legislação de Licurgo no século quinto a. C., como afirma Plutarco (2014), encarregava-se de criar bons soldados. Para tanto, a educação das crianças de Esparta eram de responsabilidade da Polis e caso apresentassem alguma má formação, ainda recém-nascidos, eram levados para os desfiladeiros do monte Taigeto para morrerem de fome ou frio, já que não estavam aptos à vida militar.

Projetos, como o da Lei Espartana, tiveram aplicações em países onde a eugenia prosperou como nos Estados Unidos, no século XIX. Neste país, a “Associação Americana de Reprodução” tinha propostas semelhantes às de Lobato, e procuravam eliminar os indesejados da sociedade, segundo o documento do Tribunal Municipal de Chicago (1922, apud DIWAN, 2007, p. 54). E alguns dos indesejáveis eram: “[...] 1º os débeis mentais, 2º os loucos (e os psicopatas), 3º os criminosos (e os delinquentes), 4º os epiléticos; 5º os alcoólatras (e todos os tipos de viciados); 6º os doentes [...]”.

Na obra *O Presidente Negro*, o cientista Jonh Dudley cria um processo radioativo de alisamento de cabelo, o que leva a extinção da raça negra dos Estados Unidos, pois toda a população negra se submeteu a esse processo. Juntamente com o método de embranquecimento que é descrito no livro, o que nos leva a questionar a razão pela qual a totalidade dos negros americanos se sujeitarem a procedimentos para se tornarem mais semelhantes aos cidadãos brancos. A ficção imita a vida. É o que parece quando percebemos que muitos afrodescendentes procuram mudar suas características fenotípicas que marcam sua identidade negra, tais como o alisamento

do cabelo afro, crespo. Estariam os afrodescendentes que assim o fazem, negando sua identificação racial negra? Se o fazem, estariam desta maneira, tentando disfarçar sua inferiorização racial? E por fim, se negam sua identidade racial, estariam eles mesmos inferiorizando tal identidade?

Se partirmos das ponderações de Frantz Fanon (2008, p. 90) constataremos que “é o racista que cria o inferiorizado”. Esta noção de superioridade que um ser projeto no outro cria na vítima uma autorrejeição e leva o estereotipado, como afirma Ana Célia da Silva (2008, p. 30): “[...] à procura de valores representados como universais na ilusão de tornar-se aquele outro e de libertar-se da dominação e da inferiorização”.

Ainda sobre as práticas de ações eugenistas nos Estados Unidos, uma “Lei de Esterilização” tornou estéreis cerca de cinquenta mil pessoas entre os anos de 1907 e 1949. Podemos constatar que o período em que ocorreram tais práticas coincide com o período da produção da obra em questão de Lobato. O perverso plano da elite branca em *O Presidente Negro* pode ser constatado no trecho a seguir:

Tua raça morreu, Jim [...] Com a frieza implacável do Sangue que nada vê acima de si, o branco pôs um ponto final no negro da América [...] Jim ficou-se um instante imóvel [...] Os raios de Jonh Dudley possuem virtude dupla... Ao mesmo tempo que alisam os cabelos [...] esterilizam o homem (LOBATO, 1979, p. 163).

Durante uma das narrativas de Miss Jane a Ayrton sobre as eleições no ano de 2228 ela descreve o encontro do candidato do Partido Negro, Jim Roy, e a representante do Partido Feminista, Miss Astor: “Eram dois seres sem a menor aproximação de aparências externas [...] parecia até inconcebível que por tanto tempo fossem as duas criaturas classificadas na mesma espécie pela ciência [...]” (LOBATO, 1979, p.105). Neste trecho há uma clara inclinação a corrente de pensamento do racismo científico, e na concepção dos aderentes a esta ideologia, segundo Olusoga (2007) “[...] africanos, índios americanos não eram raças mais baixas, talvez nem chegassem a ser totalmente humanos”.

Percebe-se que os ideais da eugenia marcam o posicionamento da obra. Embora sendo uma obra de ficção, a participação de Lobato no movimento eugenista do Brasil coincide com o pensamento revelado no livro.

Após a Segunda Guerra Mundial, a eugenia era associada ao Nazismo, e os intelectuais inclinados a esta procuraram apagar de sua biografia esta fase de sua vida (DIWAN, 2007).

A ideia da “Raça Ariana” e da superioridade branca entremeia toda obra, o etnocentrismo é evidente, e traços de radicalismo são notáveis. Na obra ainda é afirmado a incapacidade das duas raças dividirem o mesmo território, e se fosse necessário, os líderes brancos estariam dispostos a iniciar uma guerra. Lobato ainda sugere a divisão do Brasil como forma de impedir o erro causado pela miscigenação persista nas regiões brasileiras de maioria branca. “A parte quente ficou a sofrer o erro e suas consequências; mas a parte temperada salvou-se e pode seguir o caminho certo” (LOBATO, 1979, p.79).

A crença de que a raça branca prevalece sobre as demais se faz presente

do começo ao fim da obra. Esta que representa o negro como uma raça inferior e infectuosa, sendo isso fator legitimador para o seu extermínio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto buscamos analisar a obra *O Presidente Negro* (1926) de Monteiro Lobato, buscando elementos que marcam a presença da eugenia nas relações etnicorraciais ali presentes.

Não se pode negar a importância de Monteiro Lobato, especialmente para a Literatura Infantil. Recentemente se acendeu não pequena polêmica sobre o caráter racista de parte de suas obras. Ao analisar nestas páginas o livro em questão, é inegável o pensamento eugenista que transpira no livro. Tal pensamento, mesmo em uma obra de ficção coincide com os ideais do movimento eugenista, do qual o autor era filiado no Brasil.

Portanto, a leitura do romance *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato se faz crucial na medida em que se busca entender o pensamento etnocêntrico predominante na época do escritor, em especial, pelo fato de Lobato abordar de maneira muito explícita seu preconceito. Sendo assim, realça-se a importância de uma análise criteriosa de uma obra literária, pois, apesar da Eugenia ter sido descredenciada como ciência, ainda há na literatura obras com discursos eugenistas.

REFERÊNCIAS

DIWAN, Pietra. **Raça Pura**: Uma história da Eugenia no Brasil e no Mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira, Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

LACERDA, João Batista. **Sobre os Mestiços no Brasil**. Tradução de Eduardo Dimitrov, Íris Morais Araújo e Rafaela de Andrade Deiab, 2009. Disponível em http://moodle.stoa.usp.br/file.php/967/Sobre_os_mesticos_do_Brasil.pdf. Acesso em: 03 mar. 2019.

LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

MOLINERO, Bruno. Monteiro Lobato entra em domínio público e terá versão até da Turma da Mônica. *Jornal a Folha de São Paulo*. ed. 18 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/01/monteiro-lobato-entra-em-dominio-publico-e-tera-versao-ate-da-turma-da-monica.shtml> Acesso em: 02 fev. 2019.

OLUSOGA, David (Diretor/Produtor) **Racismo Científico, Darwinismo Social e Eugenia**. 2007. BBC MMVII (52min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hPYZi_AITh4 Acesso em: 03/03/2019.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas Vol. I**. Tradução de Antonio Ranz Romanillos. Espanha: La Biblioteca Digital, 2014.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kebengele (Org). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília, Ministério da Educação, 2005.

TRIGUEIROS, Mirian. Obra de Monteiro Lobato ao Alcance de Todos. **Folha de Londrina**. ed. 09 out. 2018. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/obra-de-monteiro-lobato-ao-alcance-de-todos-1017402.html>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alberto Valença 12, 13, 16, 17, 20, 22, 23, 24

Alma 19, 37, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 177, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 278

Aluno 13, 142, 144, 145, 165, 167, 171

América Latina 88, 97, 109, 174, 175, 176

Aquarius 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 1, 2, 4, 10, 109, 110, 112, 117, 179

B

Bahia 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 67, 75, 76, 80, 83, 84, 93, 95, 97, 99, 104, 107, 121, 142, 144, 152, 154, 157, 161, 174, 188, 189, 217, 219

C

Carnaval 33, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 100

Carnaval de Rua 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Clave 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Critérios amostrais 253

Cultura material 164, 219, 220, 228, 232, 233, 275

Cyber-infância 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161

D

Descolonial 174, 175, 176, 179, 182, 183

E

Economia criativa 65

Educação especial 162, 163, 165, 167, 170

Educação inclusiva 162, 165, 167, 168, 172

Espírito 42, 48, 88, 190, 204, 206, 208, 209, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 232, 266

Eugenia 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93

F

Fernando Pessoa 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

G

Guerra Colonial 188, 189, 193, 195, 204

I

Identidade 1, 3, 9, 11, 17, 37, 38, 40, 42, 45, 72, 78, 91, 92, 104, 110, 115, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 175, 181, 183, 191, 192, 195, 212, 213, 223, 233, 235, 237, 245, 256, 257, 259, 260, 261, 268, 276

Inclusão 9, 32, 41, 139, 145, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173

Infância virtual 152, 153, 155, 161

J

Jovens negros 142, 147, 149

L

Legislação educacional 162

Literatura 4, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 48, 49, 85, 88, 89, 93, 108, 144, 151, 174, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 260, 261

Literatura Brasileira 85, 174

M

Mito 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 83, 201, 202, 207, 209, 210, 212

Museu Gruppelli 219, 220, 221, 226, 230

Música Afro-Brasileira 95, 97, 98

N

Necessidades especiais 162, 165, 166, 167, 168, 170, 171

O

Orientação sexual 118, 253, 254, 255, 256, 257, 260

P

Pintura Iconográfica 12

Práticas lúdicas 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161

Psicometria 253, 255

R

Racismo 85, 86, 92, 93, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 145, 146, 147, 150, 193

Regionalismo 1, 2, 8, 9

Relação étnico-racial 142

Relações étnico-raciais 85, 86, 151

Religião 31, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 104, 137, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277

Representação 1, 16, 19, 30, 39, 40, 45, 48, 53, 59, 63, 68, 83, 86, 99, 100, 101, 102, 117, 127, 129, 144, 151, 175, 181, 188, 189, 190, 191, 195, 219, 220, 228, 269

Rio de Janeiro 10, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 24, 35, 49, 50, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 112, 119, 140, 141, 161, 162, 170, 173, 183, 188, 195, 204, 233, 238, 250, 251, 253, 261, 278, 279

Ritmo Cabila 95

Ritmo Ijexá 95, 96, 100, 101

S

Salvador 3, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 43, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 95, 96, 97, 100, 104, 108, 121, 122, 123, 124, 125, 135, 139, 140, 141, 151, 152, 154, 157, 161, 208, 233

Sebastianismo 37, 38, 40, 45, 46, 47, 48, 49

Sertão 1, 2, 3, 4, 8, 9

T

Tacho 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Trauma 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195

V

Violência 81, 105, 106, 107, 128, 139, 142, 144, 148, 149, 155, 160, 161, 179, 181, 192, 196, 206, 244, 246, 250, 252, 274

 **Atena**
Editora

2 0 2 0